

LAZER, GÊNERO E PANDEMIA: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SETE LAGOAS MINAS GERAIS

Recebido em: 18/12/2023

Aprovado em: 29/02/2024

Licença: 

*Fernanda Santos de Abreu*¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-5588-4283>

*Elisângela Chaves*²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-2069-4316>

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo analisar as relações entre questões de gênero e as práticas de lazer de professores e professoras de Educação Física (EF) das escolas públicas de Sete Lagoas, na pandemia. Utilizou-se como procedimentos metodológicos: questionário semiaberto via Google Forms e entrevista semiestruturada. Constatou-se que o gênero se configurou enquanto elemento de diferença de oportunidade e usufruto do tempo, espaço e experiências de lazer, em especial no caso das professoras que se identificaram como sexo feminino, mulheres cis e heterossexuais e dos professores que autodeclararam gays, sexo masculino e homens cis. No que se refere às práticas de lazer dessas pessoas, constatou-se a predominância de atividades relacionadas ao interesse virtual, como, por exemplo, o uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *TikTok*, bem como a utilização de plataformas digitais como *Netflix* e *Prime Video*.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Atividades de lazer. Professores e professoras.

LEISURE, GENDER AND PANDEMIC: PERCEPTIONS AND PRACTICES OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN SETE LAGOAS MINAS GERAIS

ABSTRACT: This research aims to analyze the relationships between gender issues and the leisure practices of Physical Education (PE) teachers at public schools in Sete Lagoas, during the pandemic. The following methodological procedures were used: semi-open questionnaire via Google Forms and semi-structured interview. It was found

¹ Doutoranda em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG. Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de Sete Lagoas (UNIFEMM), Mestra em estudos do lazer PPGIEL/UFMG.

² Professora do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer PPGIEL/UFMG. Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (1995), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013).

that gender was configured as an element of difference in opportunity and enjoyment of time, space and leisure experiences, especially in the case of teachers who identified themselves as female, cis and heterosexual women and teachers who declared themselves gay, sex masculine and cis men. Regarding the leisure practices of these people, there was a predominance of activities related to virtual interest, such as, for example, the use of social networks such as Facebook, Instagram, WhatsApp and TikTok, as well as the use of digital platforms such as Netflix and Prime Video.

KEYWORDS: Gender. Leisure activities. Teachers.

Introdução

No decorrer das últimas décadas, o campo de debates acadêmicos que tematiza lazer e gênero vêm se ampliando em diferentes campos de pesquisas (GOELLNER *et al.*, 2010; ALMEIDA *et al.*, 2012; BARBOSA; LIECHTY; PEDERCINI, 2013). Observa-se também, que o binômio lazer e educação já é objeto de investigação multidisciplinar (MARCELLINO, 2012; GOMES, 2008), entretanto, ao abordar esses temas, relacionando-os, em específico, aos sentidos, significados e vivências de professores e professoras de Educação Física (EF) escolar, encontramos uma lacuna a ser explorada.

Desta maneira, esta pesquisa busca problematizar o lazer e as questões relacionadas a gênero, a partir das apropriações, percepções e vivências de professores e professoras de Educação Física (EF) de Sete Lagoas (Minas Gerais -MG) no contexto da pandemia do coronavírus (Covid-19), que foi anunciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020 (WHO, 2022).

Para isso, salienta-se que o período de referência para a realização deste estudo é: março de 2020 a março de 2021. Tal recorte temporal, leva em consideração o fato de que a realidade pandêmica alterou de forma concreta o habitual social e, conseqüentemente, a relação das pessoas com o seu trabalho, com o lazer, e outras esferas da vida.

Silvestre e Amaral (2017), enfatizam que diante de uma categoria profissional heterogênea, o recorte de gênero apresenta potencial analítico enquanto marcador social de diferença das possibilidades de acesso, vivência e significação do lazer para professores e professoras.

Em perspectiva, ressalta-se que esse estudo demarca a compreensão de gênero como uma categoria cultural e analítica, cuja constituição enquanto um marcador social está implicada em outros processos de subjetivação que se articulam, tais como raça e/ou etnia, religiosidade, nacionalidade, condições socioeconômicas, dentre outros.

Portanto, essa pesquisa apresenta como perspectiva o gênero no âmbito da discussão pós-estruturalista, ou seja, compreendendo essa categoria enquanto uma construção plural, que sofre implicações de instituições sociais e reverbera em práticas sociais, como o lazer (LOURO, 2014; CONNEL, 2016; BUTLER, 2020).

Desta forma, o presente estudo apresenta como objetivo analisar percepções e apropriações de professores e professoras de Educação Física sobre questões de gênero e suas experiências de lazer durante a pandemia.

Entendendo um Pouco sobre Gênero

As questões de gênero perpassam representações, mediante construções histórico sociais da sociedade que permeiam diversos contextos em que se relacionam os tempos, espaços e pessoas. O gênero enquanto categoria de análise foi se constituindo em seu primeiro momento, procurando o desenvolvimento de um campo de debates, afirmação e consolidação dos direitos da mulher, tendo um início relacionado, portanto, a um contexto do movimento feminista (MEIRA, 2014).

Desta forma, o gênero e suas questões adquiriram centralidade nos debates científicos em consonância com debates sociopolíticos a partir de movimentos

relacionados ao feminismo e suas ondas, ganhando força assim enquanto área de visibilidade mediante esse movimento, levando a uma problematização acerca do conceito de gênero entre estudiosos, estudiosas, militantes, críticos e críticas do tema (LOURO, 2014).

Torna-se importante portanto, compreender que nesse cenário inicial sobre a compreensão do que é gênero, o mesmo surge mediante relação imediata com o sexo e a sexualidade, fazendo com que tal entendimento estivesse relacionado com o sexo biológico de homens e mulheres (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013). Butler (2020 p. 25-26), nesta relação entre sexo e gênero pondera que:

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Butler (2020, p. 27), enfatiza também em seu entendimento que “gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”. Essas percepções acerca do gênero, nos remetem a uma lógica social de reprodução de rótulos identitários que fazem parte da construção histórico/social que permeiam a sociedade, perpassando por aspectos culturais, biológicos, sociais e etc.

Assim, nesse entrelaçamento entre gênero e suas instâncias culturais, sociais, biológicas, que criam paradigmas históricos/sociais, é salientado na esfera pós-estruturalista, a importância de se:

rejeitar e problematizar noções biologicistas, essencialistas e universais de mulher e de homem, e de feminilidade e masculinidade, para argumentar que, no interior de diferentes processos culturais, os indivíduos e seus corpos são transformados em – e aprendem a reconhecer-se como – sujeitos e corpos generificados (MEYER; SILVA, 2020, p. 487).

Percebe-se atualmente que de fato, as discussões no campo epistemológico têm ampliado as perspectivas sobre gênero e suas possibilidades. Além disso, no cotidiano

das práticas sociais e culturais, as experiências das pessoas são permeadas por marcadores relacionados aos aspectos biológicos, que podem se constituir como mecanismo de opressão.

Esse cenário, demonstra a ligação que o gênero apresentou com duas categorias: feminino / masculino. Ao se ponderar sobre os aspectos relacionados a gênero, conseqüentemente fala-se nas diferenças entre as categorias mencionadas (CONNELL, 2016).

De acordo com Escosteguy (2016, p. 70), o gênero na sua camada de construção social “se associa à ideia de que as identidades se definem de modo relacional e, a partir de determinado momento, não mais exclusivamente via o par feminino-masculino.” Explicando os dizeres de Escosteguy (2016), nota-se uma intencionalidade de romper-se rompendo o binarismo feminino / masculino, visibilizando a pluralidade humana.

Assim, gênero procuraria, “dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social” (VEIGA; PEDRO 2019, p. 330).

Percebe-se que a construção do entendimento sobre gênero sofre influência e influencia diversos contextos que se embaralham e se modificam de acordo com as realidades humanas. Portanto, a partir de tais julgamentos, nota-se que a percepção relacionada ao gênero foi se constituindo mediante a edificação da noção dos papéis sociais (DELPHY, 2018).

Neste sentido, gênero contempla um entendimento apontando para a noção de que, “ao longo da vida, através das mais diversas instituições e prática sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico, e que também nunca está finalizado ou completo” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p.18).

Portanto, o gênero não se concretiza de maneira isolada, mas, se constitui e se materializa nas estruturas de poder, nos movimentos sociais, dentre outros contextos da vida humana, e assim todos esses panoramas emergem em ambientes influenciadores na composição do gênero (CONNELL, 2016).

Cabe assinalar que esses aspectos sobre a conceituação de gênero, conjeturam uma perspectiva de um corpo plural e conflitante que se (des)constrói a partir de sua construção histórico / social, que também irá se arrolar com outros marcadores sociais como: sexualidade, nacionalidade, raça e/ou etnia, religião e etc.

Desta forma, é de suma importância pensar numa conceituação de gênero tendo como base o pensamento plural, notando as variadas feições sobre homens e mulheres, percebendo que a compreensão do gênero, por conseguinte, será diversificada, da mesma forma que se diferem em diversas constituições e seus grupos sociais (LOURO, 2014). Dentro deste cenário, Barreto (2014, p. 7) enfatiza em seus dizeres que “falar de gênero não é apenas falar de mulheres e homens ou de diferença sexual, mas também de identidades que são construídas fora de uma lógica heteronormativa, como a de travestis, transexuais e transgêneros”.

Dentro deste panorama, um outro elemento presente no âmbito do gênero é o movimento LGBTQIA+³, que contempla categorias de identidade de gênero e orientação sexual (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexual, assexuados e mais que corresponde as outras inúmeras possibilidades de gênero). De forma geral, portanto,

compreender as discussões das relações de gênero significa não apenas compreender as diferenças entre homens e mulheres e não permitir que elas sejam desiguais, mas sim, observar como a educação, as relações familiares a mídia a indústria cultural, o mercado capitalista e as próprias atividades de Lazer tentam camuflar as construções histórico-culturais das

³ A sigla LGBTQIA+, ao longo da sua constituição passou por mudanças na sua compreensão, tendo a existência de outras siglas como LGBTQ, LGBTQI, LGBT+, LGBTI, que também são utilizadas de forma ampla. Neste estudo optou-se pela utilização da sigla LGBTQIA+.

diferenças para justificar diversas desigualdades como algo “natural” (SAMPAIO, 2011, p. 33).

Mediante todos os aspectos explorados, é importante, (re)pensar conhecimentos e ideias sobre gênero e suas conjunturas e instâncias culturais que permeiam a sociedade estabelecendo estruturações nas relações do cotidiano, da educação, do trabalho e demais esferas.

Lazer e Gênero: Algumas Aproximações

Os debates no campo acadêmico do lazer apresentam variantes perspectivas históricas e contextuais sobre seu entendimento e composição (DUMAZEDIER, 1994, MARCELLINO 2006, CAMARGO, 2003). No entanto, este estudo tem como base a compreensão do lazer como produção de cultura, que se mantém em permanente transformação de acordo com as transformações sociais e que, logo, está relacionando com a necessidade humana. Gomes (2014, p. 9) assinala que:

a compreensão de lazer como necessidade humana e dimensão da cultura é incipiente na produção sistematizada sobre temática. Seguindo essa perspectiva de compreensão e análise, o que é geralmente designado como “lazer” enraíza-se na ludicidade e constitui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais situadas em cada contexto.

O lazer está ligado às diversas dimensões da vida humana, ininterruptamente, (re)criando e produzindo práticas de acordo com as necessidades humanas e sociais – estando presente no cotidiano das pessoas, nos mais diversos espaços, tempos e conjunturas. Portanto, o lazer se mescla com outras esferas da vida e conseqüentemente faz parte da formação humana.

É preciso salientar que a inclusão do lazer na vida dos cidadãos, com o transcorrer do tempo, se concretizou no âmbito político como um direito social. Apesar das dificuldades de compreensão do lazer dos atores políticos envolvidos no processo

constituente (SANTOS, 2014), ele foi legitimado pela Constituição, embasado no seu artigo 6º:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

Neste panorama, é importante destacar que uma série de fatores inibem e/ou dificultam a vivência do lazer, fazendo com que ela se constitua em privilégio. É destacado por Marcellino (2006), marcadores sociais como: idade, nível de escolaridade, raça/etnia, sexo, classe econômica, violência dentre outros fatores, necessitam de considerações específicas e contextualizadas para serem analisadas enquanto empecilhos para o usufruto do lazer.

A partir dos aspectos relacionados as barreiras para a vivência do lazer, optamos pela problematização das relações de gênero as quais fazem parte de um processo de construção histórico / social e de impacto para compreensão da contemporaneidade, “o lazer, como dimensão configurativa da cultura, não pode ser pensado fora da sociedade. Trata-se de um fazer social que necessita aprofundar a reflexão em torno das relações de gênero” (LEIRO, 2002, p. 4).

Assim, Barbosa, Liechty e Pedercini (2013) destacam que o cenário envolvendo a relação entre o lazer e gênero sofrem intervenções que se ligam com as expectativas sociais direcionadas ao gênero de cada um, o que, portanto, acarreta em oportunidades limitadas nas práticas de lazer.

A produção científica investida sobre a relação lazer e gênero, opera, com frequência, com a expressão desta categoria a partir do binômio homem-mulher. Tejera, Sousa e Sampaio (2013) em sua pesquisa quanto às atividades de lazer vividas por mulheres e homens trabalhadores de cooperativas, por exemplo, aponta que o “[...] aspecto relativo à diferenciação na escolha das atividades praticadas por homens e

mulheres tende a estar marcada por fatores culturais e sociais” (TEJERA; SOUSA; SAMPAIO, 2013, p. 4).

Goellner *et al.* (2010) no estudo em que se observou uma lacuna na análise e interpretação direcionadas aos vieses que influenciam na vivência de homens e mulheres nas práticas de lazer, também realizou tal operacionalização mediante binômio homem-mulher.

A partir deste panorama, mediante a relação entre lazer e gênero, tal espaço de lazer é “generificado e generificador, pois nele produzem-se e reproduzem-se comportamentos, ações, discursos e práticas diferenciadas para homens e mulheres, que reafirmam representações hegemônicas de masculinidades e feminilidades” (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 18).

Desta forma, faz-se imprescindível explorar de maneira crítica essas instâncias culturais, sociais e pedagógicas, que permeiam essa conjuntura do lazer e gênero e seus aspectos, visto que esses contextos que se relacionam com marcadores identitários que, por consequente,

interfere na adesão e permanência de homens e mulheres de formas distintas e desiguais. Por certos outros fatores também reforçam estas e outras desigualdades. No entanto, não podemos negar que as relações de gênero configuram espaços diferenciados para eles e para elas (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 18).

Evidencia-se, portanto, que os entrelaces entre lazer e gênero perpassam por dimensões que se baseiam em diversos aspectos que vão ao encontro com a percepção social, cultural e histórica da sociedade, sendo um espaço portanto de (re)produção de instâncias que generifica corpos, pessoas e identidades sociais.

Ao aproximar o cenário com o público de professores e professoras a análise de Silvestre e Amaral (2017, p. 84) sinaliza que:

Ao cotejarmos o fenômeno do lazer entre os professores, foi evidente que, além da menor parcela de tempo, as atividades de lazer relatadas pelo gênero feminino ocorrem prioritariamente no tempo e espaço do ambiente privado,

enquanto o lazer do gênero masculino é vivenciado com maior regularidade em espaços externos ao ambiente doméstico.

Percebe-se que as questões relacionadas a lazer e gênero na conjuntura dos professores e professoras se faz presente tornando-se um campo de exploração contemporânea. Contudo ressalta-se, que ainda carecemos de mais investimentos de estudos para ampliar nossa compreensão, possibilitando consequentemente, avanço de informações neste contexto, mediante as peculiaridades socioculturais.

Metodologia

Esta pesquisa, é de natureza qualitativa e de caráter exploratório. Para o desenvolvimento do estudo e coleta de dados utilizou-se questionário via Google *Forms* e entrevista semiestruturada via Google *Meet*. Ressalta-se que este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Universidade Federal de Minas Gerais), sob o número do parecer 5.341.232.

A composição do grupo de participantes incluídos na pesquisa, ocorreu de forma intencional, sendo convidados a participarem deste estudo, voluntariamente, professoras e professores de EF da rede pública de ensino (estadual e municipal) em atuação na cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais. Mediante dados antecipadamente obtidos juntamente a Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Estadual de Educação (SEE) de Sete Lagoas, obteve-se como número total, 93 professores e professoras no setor estadual e 61 professores e professoras na esfera municipal⁴.

⁴ É válido destacar que, nesse contexto, os dados obtidos podem sofrer alterações, tendo em vista que, em algumas escolas, ainda estava ocorrendo o processo de contratação de professores, bem como se tem as questões relacionadas a licença para tratamento de saúde, afastamento funcional, aposentadoria, o que leva de certa maneira a uma “flexibilização” desses dados, mediante realidades diversas, além da possibilidade desses professores e professoras atuarem em mais de uma escola, e com vínculos diferentes.

O convite para a participação nesta pesquisa foi enviado para professores e professoras de Sete Lagoas a partir de redes de contatos, incluindo-se grupos de *WhatsApp* e listas de *e-mails*, entre os meses de abril a junho de 2022.

Este processo de coleta de dados resultou no total de 33 respondentes (15 do sexo masculino e 18 do sexo feminino) do questionário, sendo que destes, 20 participantes manifestaram o interesse para participarem da entrevista. No entanto, alguns destas pessoas não retornaram ao contato da pesquisadora, outros não assinalaram telefone para contato e/ou *e-mail* para sua identificação no campo solicitado para estas informações, portanto, não foi possível contactar a todas as pessoas. Desta forma, ao final 11 participantes (7 do sexo masculino e 4 do sexo feminino) responderam ao contato da pesquisadora e foram entrevistados através da plataforma *Google Meet* em julho de 2022.

Os dados resultantes dos questionários foram apresentados de forma descritiva. Destaca-se que não se pretendeu operar estatisticamente as variáveis obtidas no questionário, posto que os objetivos do estudo não estão vinculados a questões dessa natureza. As entrevistas, por sua vez, foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo (AC) (BARDIN, 2006).

Segundo Bardin (2006), a AC consiste em um conjunto de técnicas que envolvem três etapas para inferir sobre a significação de dados, a saber: 1) pré-análise, que envolve desde o contato à organização do material a ser analisado; 2) exploração do material, que consiste em definição de categoriais analíticas; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, que se refere às interpretações e inferências sobre os dados em forma de análise crítica e reflexiva.

No caso deste estudo, o próprio momento de interlocução entre a pesquisadora e participantes, somando-se às transcrições das entrevistas configuram a fase de pré-

análise. À medida que o texto transcrito é apreciado quanto ao conteúdo das falas e temas que se articulam, independentemente da ordem das perguntas, procede-se a fase de categorizar, ou seja, codificar agrupamentos temáticos para a análise, esta que é a fase de inferência de resultados, amparada no repertório e perspectiva teóricos que fundamentam no olhar sobre o tema da pesquisa.

Resultados e Discussão

Em análise aos dados obtidos nos questionários e entrevistas, buscou-se articular a análise descritiva com as categorias analíticas geradas a partir da AC, apresentando-as em tópicos “descritivo-analíticos” nos quais as técnicas são integradas e interagem, a fim de potencializar as inferências e interpretações sobre a realidade das pessoas pesquisadas.

Neste sentido, o próximo tópico apresentará as características e identificações das professoras e professores de EF da rede pública da cidade de Sete Lagoas, buscando compreender melhor o contexto de vida e da profissão dos mesmos. Posteriormente, foram definidas 3 categorias de análise, sendo elas: Compreensão profissional do lazer; Práticas, vivências, tempo e importância do lazer na pandemia; Percepções e compreensões sobre gênero.

Essas categorias em consonância aos dados descritivos deste estudo, busca esclarecer e contextualizar de maneira reflexiva e crítica pontos cruciais para os objetivos da presente pesquisa oportunizando conseqüentemente o enriquecimento e aprofundamento de uma aproximação com a realidade a ser explorada.

Os Professores e Professoras de EF da Rede Pública de Sete Lagoas, Minas Gerais

Na primeira etapa de desenvolvimento metodológico desse estudo, foi possível obter um total de 33 respondentes do questionário, sendo que 54,5% auto reportaram-se como sendo do sexo feminino e 45,5% do sexo masculino. A faixa etária predominante dos participantes foi de 29 a 39 anos com 51,5%, seguido por 21,2% de 18 a 28 anos, 15,2% entre 40 e 50 anos, 9,1% de 51 a 61 anos e 3% entre 62 a 72 anos.

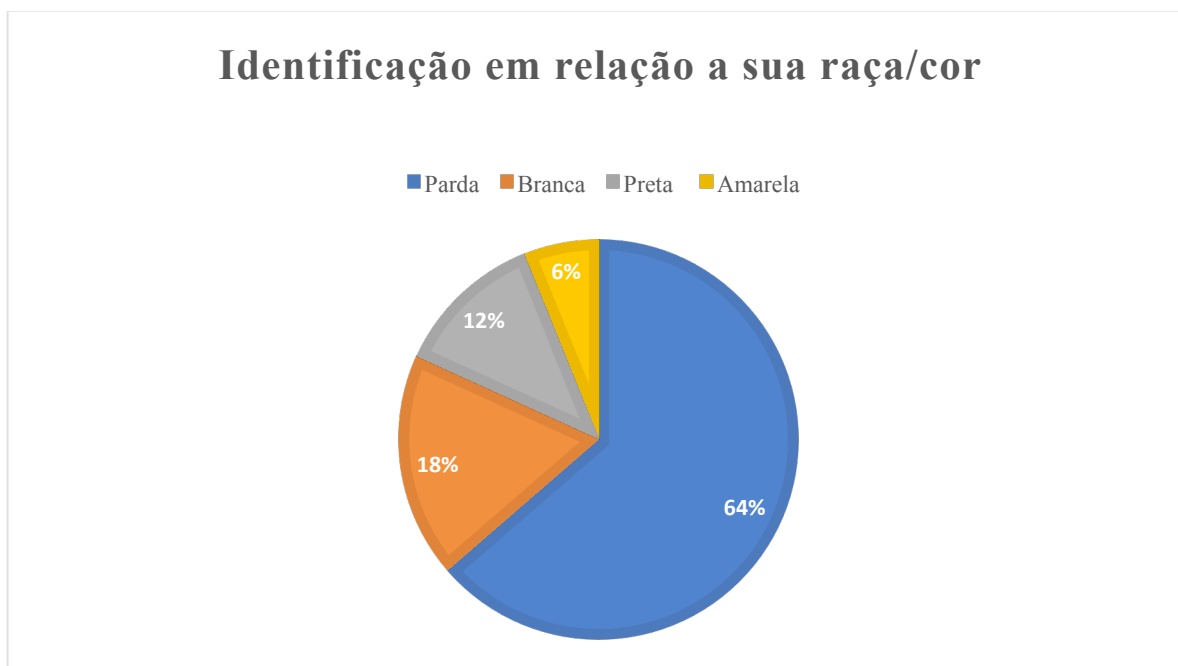
Os participantes da pesquisa atuavam, em sua maioria, no âmbito da educação pública estadual de Sete Lagoas 23 (87,9%) e 10 (30,3%) lecionam na rede municipal de ensino. No que se refere às instituições privadas, 5 participantes (15,2%), indicaram trabalhar nessa esfera. Trata-se de um cenário no qual um mesmo professor ou professora pode atuar em redes de ensino diferentes, ocupando cargos com encargos diferentes.

Tal aspecto pode refletir também no tipo de vínculo empregatício desses respondentes. No estudo, observou-se que 63,6% dos professores e professoras atuavam em caráter efetivo, já 42,4% têm como situação de contrato de trabalho o vínculo temporário (contratado por um período determinado). Ressalta-se, portanto, que um mesmo respondente pode atuar nessas duas esferas empregatícias, em redes de ensino.

Esses professores e professoras ao serem questionados sobre como se identificam em relação a sua cor/raça⁵ se identificaram como:

⁵ Classificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

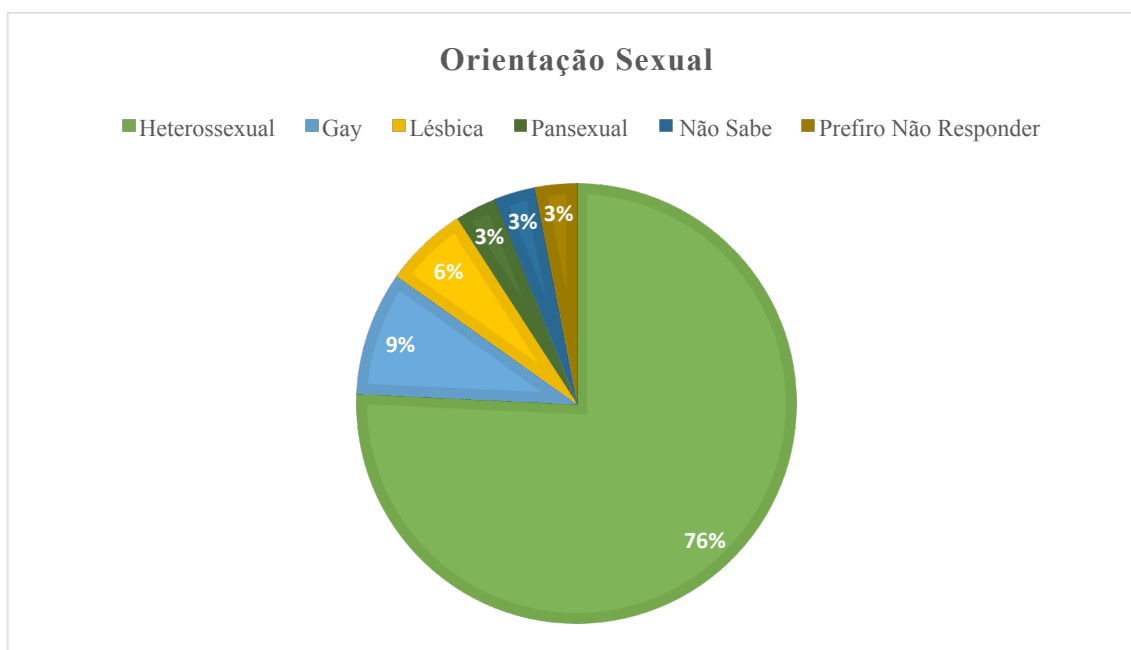
Gráfico 1: Identificação em relação a sua raça/cor



Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que o grupo desta pesquisa é composto predominantemente por pessoas pardas, pretas e brancas. No que se refere a orientação sexual, nota-se os seguintes dados abaixo:

Gráfico 2: Orientação sexual



Fonte: Elaboração própria.

Importante destacar neste sentido, que os debates acerca da diversidade sexual em consonância com o gênero já se fazem presente nas pautas de variados grupos sociais, entretanto barreiras como a dificuldade em promover ações específicas são encontradas, o que conseqüentemente influencia na visibilidade da temática, na apropriação da população em geral dos termos e significados referentes a essa diversidade sexual (DIAS; BRAZÃO, 2021).

A partir dessas informações sobre os participantes da pesquisa em relação ao seu perfil acadêmico / social, outro ponto importante se relaciona com a esfera do lazer na vida cotidiana desses professores e professoras, o que será melhor observado no tópico seguinte.

E o Lazer? Identificando as Percepções dos Professores e Professoras

Um dado importante para este estudo, é a compreensão dessas pessoas sobre o que é lazer. Os dados foram sintetizados no quadro abaixo (respostas semelhantes foram agrupadas)⁶:

Quadro 1: O que é lazer?

Para você o que é lazer?	Respostas
Professor 1 / Professora 2 / Professora 3 / Professor 5 / Professor 8 / Professora 11 / Professora 14 / Professor 15 / Professora 16 / Professora 18 / Professor 21 / Professora 25 / Professor 27 / Professora 29 / Professora 31 / Professor 32	Lazer é tudo que você faz e sinta prazer / Momentos com atividades prazerosas
Professora 3 / Professora 4 / Professora 7 / Professora 12 / Professora 14 / Professor 17 / Professora 29	Distração / Diversão / Felicidade / Descontração / Desestressar
Professor 6	Atividades culturais livres de obrigação, que se pratica em tempo livre, podendo ter inúmeras categorias, físico esportivas, manuais, tecnológicas e etc.
Professor 8 / Professor 10 / Professora 11 / Professor 12 / Professora 13 / Professor 15 /	Atividade que você pratica fora do horário de trabalho.

⁶ Para manter anonimato dos professores e professoras participantes cada respondente será identificado da seguinte forma: Professor para os respondentes que assinalaram ser do sexo masculino, e Professora para quem apontou ser do sexo Feminino, levando em consideração a data de envio do questionário.

Professora 16 / Professora 19 / Professor 21 / Professora 25 / Professor 26 / Professor 28 / Professora 31 / Professor 32 / Professora 33	Atividade fora das obrigações religiosas, familiares, de estudo etc. Atividades no tempo livre. Atividade de livre escolha / livre vontade
Professor 9	Tudo que te transmite bem estar físico, mental e social. Mesmo no trabalho tenho momentos de lazer.
Professor 10 / Professora 22 / Professor 23	Descansar / Dormir
Professora 12	Recreação
Professor 15	Ao longo do tempo o lazer assume características novas, muito em função da rotina e novas configurações do trabalho.
Professor 20	Conjunto de preferências/escolhas ocupacionais para horas ociosas, de descontração e despreocupação. Digamos, ocupações escolhidas por afinidade e preferência.
Professor 22	Aproveitar o tempo de folga e/ou férias.
Professora 24	Estar com a família.
Professora 30	Lazer é tudo que envolve prazer de realizar. Pela concepção profissional existem para o lazer e pelo lazer, sendo definidos um pelo tempo livre e o outro como tarefas (responsabilidades).

Fonte: Elaboração própria.

Tal pergunta era aberta, permitindo que o respondente formulasse suas frases de forma diversificada, o que reflete no aparecimento de um mesmo professor e/ou professora em respostas diferentes no quadro acima. De forma geral, o grupo de respondentes entende o lazer enquanto uma prática prazerosa e que deve ser realizada a partir de aspectos como: o tempo livre de obrigações e através de atividades de livre escolha.

Esta relação entre prazer e lazer, aflui com discussões acadêmicas como Melo e Alves Junior (2012, p. 34) que afirmam “as atividades de lazer são buscadas tendo em vista o prazer que podem possibilitar, embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades”. O que se pode depreender é que para os participantes da pesquisa a busca pelo prazer nas suas práticas de lazer norteia a sua demanda e objetivo. Pode-se observar também uma dicotomia entre o tempo de trabalho e obrigações familiares, religiosas, profissionais, dentre outros, com o tempo e vivência das atividades de lazer (MARCELLINO, 2006).

Outro ponto a se destacar é a resposta do Professor 6, que cita as categorias dos interesses culturais do lazer, como é discutido por Marcellino (2006), que os classifica em seis interesses: interesses artísticos (ligado a emoções, imaginário e conteúdo visual), os intelectuais (atividades ligadas ao raciocínio), os físicos/esportivos (prevalência do movimento), os manuais (manipulação de objetos), os turísticos (passeios, viagens) e os sociais (convívio social).

Portanto, as práticas de lazer estão conectadas com outras esferas humanas e sociais, em uma rede de articulações que impactam a vivência, o tempo e a compreensão do que é lazer para as pessoas. Entretanto, é necessário destacar que apesar das variadas respostas obtidas, em nenhuma delas o lazer é citado como um direito social, o que merece um olhar crítico e reflexivo apontando para um possível desconhecimento dos respondentes acerca do lazer na Constituição Brasileira.

A conexão entre o que é lazer para esses professores e professoras pode ter relação com o processo de formação dos mesmos, haja vista a aproximação do campo do lazer com a EF. Do grupo pesquisado, 97% indicou que teve alguma disciplina/conteúdo sobre lazer em sua graduação e apenas 3% assinalaram que não.

Esse dado converge com o momento histórico em que o lazer se consolidou no universo acadêmico. Filippis e Marcellino (2013), em seu estudo sobre a formação profissional em lazer nos cursos de EF, no estado de São Paulo, analisaram seis instituições e apenas uma dessas não citava o lazer em seu projeto pedagógico.

O cenário da aproximação entre a formação acadêmica e o lazer refletiu-se de forma efetiva nas entrevistas realizadas, compondo a primeira categoria analítica extraída da análise de conteúdo: compreensão sobre lazer por professores e professoras de EF. Isto é, quando os participantes foram questionados em entrevista, foi perguntado

se a sua área de atuação (EF) interfere nas suas possibilidades e experiências de lazer.

Se sim, de que forma? Obteve-se os seguintes relatos:

Eu acho que o fato de ser professor de Educação Física nos coloca **mais conscientes de ter esses momentos, de como aproveitá-los e também de ter o conhecimento, de poder ampliar essas vivências, não ficar restrito a só uma categoria do lazer**⁷, para mim, sim, o fato de ser professor amplia sim minhas possibilidades, minhas vivências (**PROFESSOR 6**).

Facilita bastante⁸. Nossa área de Educação Física é uma área muito grande, a gente pode vivenciar o lazer de várias formas. **Até porque na faculdade mesmo, eu aprendi que lazer é tudo aquilo que te dá prazer, né?! Principalmente nos momentos das horas vagas, então, eu consigo entender o significado do lazer** (PROFESSOR 1).

Em continuidade ao uso articulado da técnica da análise descritiva dos questionários com a AC sobre as entrevistas, apresenta-se a segunda categoria denominada: práticas, vivências, tempo e importância do lazer para os professores e professoras de Sete Lagoas na pandemia.

Práticas, Vivências, Tempo e Importância do Lazer para os Professores e Professoras de Sete Lagoas na Pandemia

A primeira e já esperada constatação é a de que o ambiente doméstico se tornou o espaço central para a prática do lazer na pandemia. No questionário, os respondentes foram indagados sobre quais atividades os mesmos consideravam e vivenciavam como lazer e com qual frequência (sempre, às vezes, nunca) no período pandêmico de março de 2020 à março de 2021.

Neste sentido, observou-se nesta pesquisa que 79% dos respondentes indicaram o uso das redes sociais como Instagram, Facebook, TikTok, WhatsApp e com uma frequência de utilização contínua (sempre) como sua prática de lazer predominante neste período pandêmico. Essa mesma situação foi obtida no que se refere ao uso de

⁷ Grifo das autoras. Optou-se por transcrever as falas das pessoas entrevistadas da forma como falaram, sem correções ortográficas ou de concordância.

⁸ Grifo das autoras.

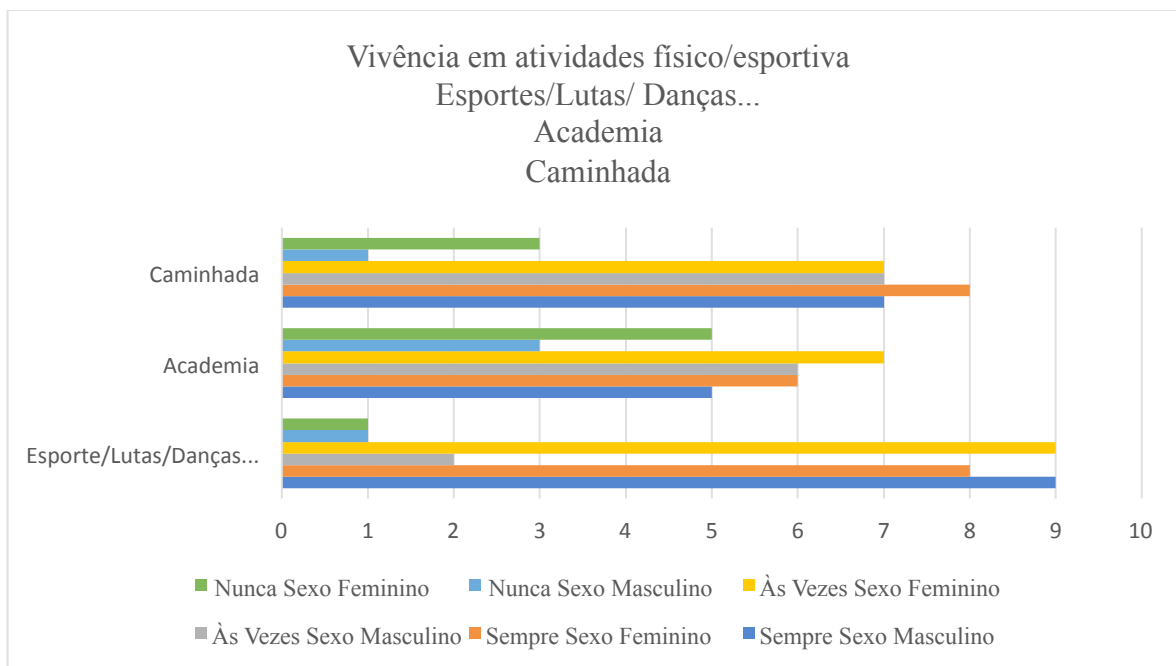
plataformas como Netflix, Youtube dentre outros para assistir filmes, séries e/ou documentários. Saleinta-se assim, o interesse virtual que Schwartz (2003), compreende como o sétimo conteúdo do lazer, abrange o artefato do mundo digital.

Neste mesmo cenário, no estudo de Montenegro, Queiroz e Dias (2020) ao analisarem as atividades de lazer de universitários na cidade de Macapá, o uso da internet foi predominante para 89,9% dos respondentes. Importante sinalizar que os respondentes estão localizando suas atividades no período em que vários espaços foram fechados ou tiveram o acesso submetido a protocolos de redução de público, etc., devido ao cenário da pandemia.

Percebeu-se que em relação ao interesse manual, a maioria dos respondentes não realiza tal atividade com frequência. Destaca-se que, dentre os respondentes que assinalaram a opção às vezes (8 respondentes), 75% declaram ser do sexo feminino. Mayor, Silva e Lopes (2020), em relação as atividades manuais, ponderam que usualmente são atividades realizadas no espaço doméstico, associado ao universo do feminino (em relação a uma expectativa de performatividade), destacando que o interesse manual é mais comum entre mulheres que trabalham, o que se encaixa com o grupo de professoras respondentes.

No que se refere as atividades relacionadas ao aspecto físico/esportivo (academia, caminhada, esportes, lutas, danças, etc.) nos dados obtidos apresentaram uma frequência perceptível oscilando entre sempre e às vezes, o que pode ter relação com os protocolos de biossegurança e flexibilizações implementadas entre 2020 e 2021 e que atingiram espaços próprios para a prática de algumas destas atividades. Além disso, devido ao fato de serem professores e professoras de EF, espera-se que ocorra essa afinidade com esse repertório de atividades em especial.

Gráfico 3: Lazer de interesse físico/esportivo e sua frequência



Fonte: Elaboração própria.

A partir do gráfico acima, é possível perceber uma aparente semelhança entre os apontamentos dos respondentes do sexo masculino e do sexo feminino, dado este que se mostra diferente dos achados do estudo de Mayor, Silva e Lopes (2020), tendo como cenário as práticas de lazer durante ou no final de semana, as atividades de cunho físico / esportivo obtiveram maior expressão entre os homens em relação às mulheres, e também da pesquisa de Tejera, Souza e Sampaio (2013), no qual o interesse físico / esportivo foi predominante para o sexo masculino, e pouco expressivo para o sexo feminino.

O interesse intelectual (ler livros, jornais, revistas, etc.), apresentou maior expressão em relação à frequência entre “sempre” (12 respondentes) e “às vezes” (18 respondentes). Relacionando esses dados à autoidentificação por sexo dos professores e professoras deste estudo, constatou-se que, este interesse predominou entre respondentes do sexo feminino em relação ao sexo masculino.

Nesta direção nos achados do estudo de Mayor, Silva e Lopes (2020), foi observado uma maior constância de escolha das mulheres por atividades relacionadas ao interesse intelectual no cenário pandêmico, tendo em vista a sua maior oportunidade de usufruto no ambiente doméstico e/ou privado, sendo esses espaços que culturalmente são associados ao imaginário feminino e aos seus lugares de cuidado impostos ao papel social de mãe e/ou esposa.

No interesse social, que se relaciona com o convívio e suas possibilidades de encontro, como por exemplo: ir a festas, sair com os amigos, ir a clubes, ir a praças, foi possível constatar um número mais expressivo de professoras que apontaram sempre sair com os amigos, em relação ao indicado pelos professores, e esse dado também se repete no que se refere a ir a praças com a mesma frequência (sempre).

Em consonância com esses dados Mayor, Silva e Lopes (2020, p. 176) constataram, em seu estudo, “um aspecto relevante nas escolhas das mulheres trabalhadoras é o aumento substancial da vivência dos interesses turístico e social nos finais de semana”.

No cenário pandêmico, com restrições quanto a aglomeração de pessoas no estudo de Conceição (2021, p. 506) reforçam-se que o “interesse social do lazer foi o mais comprometido devido à pandemia e as suas medidas restritivas de distanciamento e isolamento social”. Nesse contexto atípico de pandemia, o interesse social foi o mais saudoso em estudos que tematizaram tal conjuntura (RIBEIRO *et al.*, 2020; CONCEIÇÃO, 2021).

O interesse turístico, com a atividade de viajar, constatou-se uma predominância da frequência “às vezes” (19 respondentes) e “nunca” (9 respondentes). Essa periodicidade pode se relacionar com o fato de que os ambientes não domiciliares sofreram grandes impactos devido ao cenário pandêmico, tendo em vista, a necessidade

da redução da circulação e aglomeração das pessoas, atividades como passeios e viagens tiveram que ser adiados ou até mesmo cancelados atingindo assim o setor de turismo e viagens (CLEMENTE; STOPPA, 2020).

Tais dados de forma geral também aparecem nas entrevistas realizadas com todos os participantes, destacando que suas práticas de lazer, predominantemente, eram realizadas em suas casas, de forma adaptada, porém, ainda restrita, como por exemplo, no relato abaixo:

Eu comecei a assistir série, comecei a fazer atividade física, **dentro de casa, atividade adaptada**⁹ com o que tinha disponível (PROFESSORA 14).

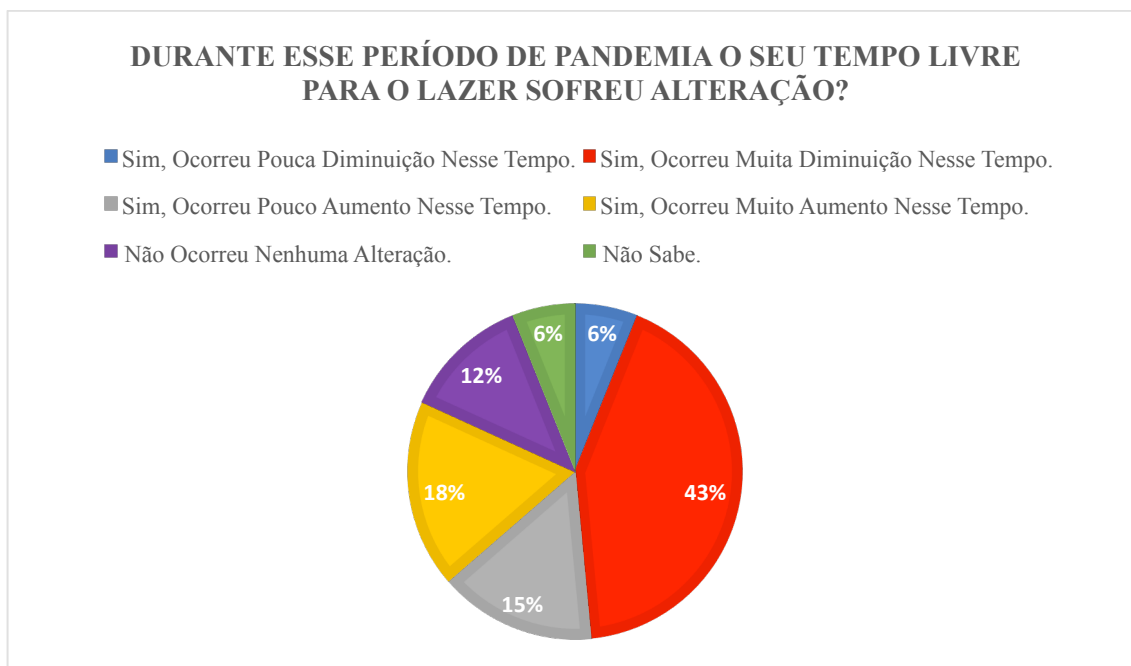
No momento de lazer, consegui conhecer outras pessoas apesar de muitas coisas estarem fechadas, nos **reunimos muito em casa**, né. (PROFESSOR 1).

Estes apontamentos extraídos do questionário e das entrevistas, visibilizam um cenário no qual as práticas de lazer dos professores e professoras desse estudo encararam implicações efetivas da pandemia nas suas possibilidades de lazer, enquanto um tempo, espaço e vivência de uma prática como uma necessidade humana afetada por diversos elementos que tangenciam a sociedade.

Os respondentes ao serem questionados se durante esse período de pandemia o seu tempo livre para o lazer sofreu alteração, obteve-se os seguintes dados:

⁹ Grifo das autoras.

Gráfico 4: Pandemia e o tempo para o lazer



Fonte: Elaboração própria.

Uma parcela significativa dos respondentes o tempo para o lazer sofreu muita diminuição no período pandêmico. Desses 43% (14 respondentes), 71% (10 respondentes) são do sexo feminino, e 29% (4 respondentes) do sexo masculino. Essa redução de tempo pode estar atrelada ao acúmulo de funções exercidas pelas mulheres na pandemia a partir de uma nova configuração de trabalho com o ensino remoto necessitando assim uma maior capacitação e preparação das aulas junto a aplicativos de vídeos, montagem de material didático e etc., bem como os afazeres domésticos que se intensificaram mediante os cuidados necessários devido a pandemia (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021).

Já na perspectiva na qual os participantes assinalaram aumento do tempo de lazer temos um panorama contrário, onde os respondentes do sexo masculino representam 83% e o sexo feminino 17%. Esses dados corroboram com os achados do estudo de Pessoa, Moura e Farias (2021), que constataram que as mulheres

participantes da pesquisa apresentaram redução do seu tempo para o lazer.

Ao articular esses dados descritivos do questionário relacionado ao tempo com a AC das entrevistas, nesse cenário de dificuldade em relação ao tempo e a vivência do lazer, reflete também a atuação profissional dos professores:

Eu vou frisar, que como professora, eu continuei trabalhando no ensino remoto, então, foi outra coisa que eu tive muita dificuldade, **porque era muita papelada muita informação, muita planilha, muita atividade, cobrança, então acaba que ao mesmo tempo que tinha tempo porque você tava em casa, você não tinha tempo, aí gera toda a dificuldade nesse sentido de tá trabalhando**¹⁰ (PROFESSORA 3).

O período de pandemia para o professor foi muito complicado, nossa **carga horária de trabalho triplicou**¹¹! A gente não tinha horário para largar o trabalho, então, as questões de lazer, ficaram de lado (PROFESSORA 14).

No sentido de horário de serviço nosso era de meio dia a cinco, mas a **gente tinha pais que mandavam mensagem pra gente fora do horário. Uma demanda exaustiva da direção, trabalhos que a gente tinha que fazer fora do horário, de anexos, de planejamento. A gente ficou com uma demanda de trabalho fora de horário de trabalho mesmo estando em casa. Então nosso tempo de lazer realmente diminuiu muito**¹² (PROFESSOR 15).

Para a maioria dos participantes, a pandemia ressignificou positivamente a importância do lazer em suas vidas. Em relação ao fato de ser professor averiguou-se que, com o período pandêmico e a inserção do ensino online, a carga horária de trabalho dessas pessoas ampliou-se expressivamente, impactando no tempo para a vivência do lazer.

Outro aspecto importante para este estudo, relaciona-se com gênero, sendo necessário, portanto abranger as percepções dos professores e professoras desse estudo. Portanto, dando continuidade a articulação entre a técnica de análise descritiva do questionário com a AC sobre as entrevistas, chegamos a terceira categoria denominada: percepções e compreensões sobre gênero: suas interferências no tempo, espaço e vivência do lazer dos professores e professoras.

¹⁰ Grifo das autoras.

¹¹ Grifo das autoras.

¹² Grifo das autoras.

Gênero: Uma Questão Difícil de se Responder?

No momento da entrevista, quando indagados sobre o que entendem por gênero, foi possível verificar certa dificuldade e hesitação em falar sobre isso, refletida portanto, como uma pergunta difícil de se responder como se nota abaixo:

Gênero como eu posso dizer, peraí, como eu posso dizer **agora você me apertou**¹³ (PROFESSOR 1).

Nossa vamos lá, que **medo de errar essa pergunta né!**¹⁴ É uma **pergunta difícil** (PROFESSORA 3).

Além de tal receio em responder o questionamento realizado foi possível perceber nas entrevistas a aproximação entre o entendimento de gênero e o universo feminino / masculino bem como relacionando ao sexo biológico, o que pode ser melhor observado a seguir:

No mundo atual, que a gente tem que tá sempre atualizando o conhecimento, eu ia falar que é **gênero masculino e feminino, né, mas eu acho que vai além disso também, né eu vou parar no gênero masculino e feminino**¹⁵ (PROFESSORA 3).

Nó esse conceito, bom, **vou pegar uma base de masculino e feminino**¹⁶ (risos). Só que hoje tem tanta questão que tá surgindo né? (PROFESSOR 28).

A relação entre gênero e o universo feminino, masculino e seus papéis identitários fazem parte de uma construção histórica e social, que reflete na compreensão do que é o gênero para as pessoas mediante uma estruturação cultural desses saberes mesmo compreendendo que esse processo não se desenvolve a partir de corpos passivos e imutáveis, mas por um cenário em constante reformulação (BUTLER, 2020; CONNELL, 2016).

Essa aproximação de entendimento que conecta gênero ao feminino e masculino, faz parte da forma cotidiana de como o gênero nos é identificado, onde reconhecemos o

¹³ Grifo das autoras.

¹⁴ Grifo das autoras.

¹⁵ Grifo das autoras.

¹⁶ Grifo das autoras.

que é feminino e/ou masculino e a partir disso somos orientados e nos posicionamos perante o mundo (CONNEL; PEARSE, 2015).

Todavia, destaca-se que outras respostas obtidas nas entrevistas, já nos revelam um contexto de percepções mais críticas e contextualizadas, que já se relacionam com os avanços da exploração da temática do gênero nos campos sociais, políticos e científicos, trazendo reflexões sobre a construção das identidades e subjetividades dos sujeitos e suas definições (KNIJNIK, 2010):

Gênero, pra mim, são marcadores sociais que colocam nossos corpos dentro de regras é o que se espera das pessoas, um homem, seja másculo, seja provedor do dinheiro, espera-se que ele se case com uma mulher, que ele tenha determinado jeito. Então, gênero pra mim, é esse pacote de questão que marcam né, os sexos biológicos, se você nasceu com um pênis, você tem que se portar de uma certa forma, se você nasceu com uma vagina, você tem que se portar, ser isso ou aquilo¹⁷ (PROFESSOR 6).

Gênero, ele está relacionado com a **subjetividade do sujeito né, então tem a ver com relações do feminino e do masculino, mas não necessariamente com o sexo biológico, mas as práticas, ao jeito, com o comportamento**¹⁸ (PROFESSORA 14).

Gênero é como a pessoa se identifica, como ela se reconhece como ela se sente mais à vontade né e como ela quer ser tratada¹⁹ (PROFESSOR 15).

Torna-se necessário salientar que, o Professor 6 e o Professor 15 identificam-se enquanto homens cis e ambos indicaram, em relação a orientação sexual, serem gays, sendo, ainda, o Professor 6 autodeclarado preto e o Professor 15 branco. Isso é mais um indício de que a compreensão das terminologias ainda não é um conhecimento incorporado para boa parte das pessoas.

Outro elemento importante a ser analisado é que 78,8% dos participantes desse estudo assinalaram que encontraram dificuldades de vivenciar o lazer no período de março de 2020 a março de 2021. No questionário, ao se indagar se essas dificuldades tinham relação com seu gênero, 72,7% um total de 24 respondentes indicaram que

¹⁷ Grifo das autoras.

¹⁸ Grifo das autoras.

¹⁹ Grifo das autoras.

“não”, 24,2% sendo 8 respondentes apontaram que “talvez” e apenas 3% (um respondente) assinalou a opção “sim”. Ressalta-se que dos 24 respondentes que sinalizaram a opção “não” 14 se identificaram do sexo feminino.

Importante frisar, por exemplo, a situação das Professoras 3, 14, 29 e 30 que assinalaram negativamente no questionário, entretanto, ao realizar a entrevista e serem questionadas sobre suas práticas de lazer durante a pandemia de março de 2020 a março de 2021, anunciaram que foram impactadas por alguma questão de gênero, como percebido nos relatos abaixo:

Sim, eu, como mulher, **não só na época de pandemia**, mas vamos focar na época de pandemia. Eu acho que a gente sai prejudicado no sentido do **medo, só pelo fato de eu ser mulher ou de eu usar uma roupa confortável pra praticar atividade física, então a questão de me locomover, o lugar que eu vou estar. Tudo isso impacta na vida geral, e no lazer também todo lugar que eu vou tenho essa preocupação**²⁰ (PROFESSORA 3).

Eu acredito que **sim!** Porque, infelizmente, **na sociedade onde a gente vive o patriarcado é muito grande e o machismo ainda impera. Então, a mulher que teve que ficar durante a pandemia em casa ela modificou sua jornada todinha, ampliou ainda mais quase sufocando, sinceramente! Enquanto no homem a gente não vê isso**²¹ (PROFESSORA 14).

Ah, demais, nossa senhora! É porque **a gente, por ser mulher, né, aquela coisa da gente ser mulher, aqueles cuidados de casa que a gente tem que ter sempre fica sobrecarregado pra mulher os cuidados de casa, os cuidados do filho, o trabalho teoricamente aumentou, então, cê já viu, a gente mulher como é então sobra tudo pra gente**²² (PROFESSORA 29).

Portanto, a partir desta realidade revelada nas falas dessas professoras, o gênero se configurou enquanto um elemento influenciador nas suas possibilidades de tempo e consequentemente de práticas de lazer durante o período de março de 2020 a março de 2021, mediante um panorama, no qual essas professoras sofreram implicações diretas no seu cotidiano, com a carga horária do trabalho exaustiva em consonância com outras obrigações sociais, familiares e profissionais.

²⁰ Grifo das autoras.

²¹ Grifo das autoras.

²² Grifo das autoras.

No estudo de Pessoa, Moura e Farias (2021), ao analisarem a composição do tempo social na pandemia de professoras, constatou-se que a qualidade de vida dessas pessoas foi afetada, à medida que a organização do trabalho, dos afazeres domésticos e o confinamento no lar, proporcionou sensações de sobrecarga para essas mulheres, o que vai ao encontro das falas das professoras de Sete Lagoas (MG).

O único respondente que assinalou positivamente para a indagação se o gênero foi um elemento influenciador nas suas dificuldades em vivenciar o lazer na pandemia foi o Professor 15, que se identifica como sexo masculino, homem cis e gay. O participante, na entrevista, reforçou:

A gente vive né numa sociedade muito excludente! A gente percebe um preconceito muito velado hoje em dia não é algo tão escancarado mais porque existe lei. Eu venho percebendo que pessoas da comunidade LGBTQIA+, elas vêm ocupando espaço²³ (PROFESSOR 15).

A violência de gênero contra a comunidade LGBTQIA+ faz parte de um triste cenário que se perpetua na nossa sociedade em sua construção histórica e social, fomentando um panorama excludente e que reflete na afirmação e legitimação de outros direitos sociais básicos dessas pessoas.

Neste cenário durante a entrevista foi feita a seguinte pergunta aos participantes: nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma?

Nessa análise, é importante perceber as falas de três grupos diferentes: sendo o primeiro composto de respondentes que se identificaram como do sexo feminino (professoras), o segundo sendo de professores declarados gays e do sexo masculino e o terceiro de professores que indicaram ser do sexo masculino e heterossexuais.

²³ Grifo das autoras.

Quadro 2: Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos e/ou privados de lazer na pandemia – GRUPO I

Nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma	Respostas
Professora 3	Sim, por ser mulher deixei de ir a lugares, porque tinha medo de ir sozinha. ²⁴
Professora 29	Sim devido a gente ser mulher e ir no lugar sozinha às vezes no lugar a maioria do público é homem então por ser mulher não vai. Acredito que durante a pandemia a violência contra a mulher aumentou bastante. Tem lugar que os homens fica assediando a gente. ²⁵
Professora 30	Sim, medo da violência, a maioria dos locais serem frequentados pelo sexo masculino ²⁶

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3: Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer na pandemia – GRUPO II

Nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma?	Respostas
Professor 6	Nossa, muito! Eu sempre digo que quem passa por essas questões ligadas ao gênero, sexualidade, a gente pensa duas ou três vezes antes de ir para algum lugar. Porque a gente nunca sabe se esse lugar vai nos caber, enquanto ser humano né.
Professor 15	Não, comigo não! Entrevistadora: E durante a sua vida, isso foi um fator que te limitou a ir a algum espaço público ou espaço privado por questão de gênero? Professor 15: A sem dúvidas. Medo de usar uma determinada roupa. É coisa que hétero não tem que se preocupar a gente tem que se preocupar o tempo todo com que a gente vai falar pras pessoas não saber que a gente é gay, a gente tinha medo das pessoas saber que a gente é gay. ²⁷

Fonte: Elaboração própria.

²⁴ Grifo das autoras.

²⁵ Grifo das autoras.

²⁶ Grifo das autoras.

²⁷ Grifo das autoras

Quadro 4: Questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer na pandemia – GRUPO

III

Nas suas experiências de lazer no período da pandemia, questões de gênero influenciaram ou limitaram de alguma forma o seu acesso a espaços e equipamentos públicos ou privados de lazer? Se sim, de que forma?	Respostas
Professor 1	Não, pra mim não tem problema ²⁸ .
Professor 28	Não, por questão de gênero não ²⁹ . O que limitou o acesso foi não ter a vacinação.

Fonte: Elaboração própria.

Como se nota, as questões relacionadas ao gênero impactam diferentemente os grupos sociais, sendo perceptível que para a maioria das mulheres respondentes, bem como para as pessoas LGBTQIA+ o gênero é (ou já foi) um elemento influenciador nas suas oportunidades de acessarem e vivenciarem o lazer em espaços públicos e/ou privados.

Portanto, o acesso aos espaços destinados ao lazer por esses grupos sociais encontra na sua condição de gênero uma barreira que tem como base o medo de sofrer algum tipo de violência limitando, dessa forma, as condições de usufruto do lazer nos mais variados locais, tendo em vista a conectividade entre os elementos de gênero com a produção e reprodução de papéis sociais, relações de poder e simbologias de gênero (KNIJNIK, 2010).

Em outro cenário, por outro lado os professores entrevistados que se reconhecem enquanto do sexo masculino, homens cis e heterossexuais, no seu cotidiano, os elementos relacionados ao gênero e suas implicações não se fazem presente enquanto marcadores sociais que limitem suas possibilidades de experenciar o lazer.

²⁸ Grifo das autoras.

²⁹ Grifo das autoras.

Desta forma, nota-se a relevância de compreender os dados obtidos nesse estudo como forma de enriquecimento do campo acadêmico relacionado ao lazer, contemplando e reconhecendo o gênero como um marcador social que impacta o cotidiano das pessoas de diferentes formas, tornando-se, assim, uma importante ferramenta de análise da realidade social – em específico nessa pesquisa do grupo de professores e professoras de EF da cidade de Sete Lagoas (MG).

Considerações Finais

O presente estudo assim como toda a estrutura social foi atravessada por uma crise sanitária mundial, que reconfigurou toda a organização social pelo mundo. Assim, este estudo, em especial, analisou as relações entre gênero e as experiências de lazer de professores e professoras de EF das escolas públicas de Sete Lagoas durante a pandemia, tendo, como recorte temporal o período de março de 2020 a março de 2021.

No aspecto relacionado as questões de gênero perceberam-se a percepção que para a maioria das pessoas da pesquisa elementos relacionados ao gênero podem refletir aspectos de diferenciação de oportunidades, condições e usufruto nas suas experiências de lazer, entretanto ao se questionar se as dificuldades enfrentadas na pandemia para vivenciarem o lazer tinha relação com questões de gênero a maior parte sinalizou negativamente. Contudo, no processo de desenvolvimento da pesquisa, constatou-se, por exemplo, que professoras que tinham assinalado negativamente no questionário, nas entrevistas já indicaram outro posicionamento.

No que se refere as percepções e apropriações desses professores e professoras evidenciaram marcadamente em especial nas entrevistas três grupos, sendo estes: um composto por pessoas que indicaram ser do sexo feminino, mulheres cis e

heterossexuais, outro constituído por participantes que sinalizaram ser do sexo masculino, homens cis e heterossexuais, e por fim o formado por pessoas que se autodeclararam gays, do sexo masculino e homens cis.

A partir destes grupos constatou-se que questões de gênero impactaram diretamente o primeiro e o último grupo citados acima. Sendo constatado, por exemplo, que aspectos relacionados ao gênero influenciaram o acesso dessas pessoas a locais ou equipamentos públicos e/ou privados de lazer durante a pandemia, visibilizando um cenário de medo, insegurança, violência que se potencializa devido ao gênero.

Este estudo também buscou-se identificar e analisar as práticas de lazer de professores e professoras de EF no contexto da pandemia. Nesse recorte, constatou-se a predominância de atividades relacionadas ao interesse virtual, como, por exemplo, o uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *TikTok*, bem como a utilização de plataformas digitais como *Netflix* e *Prime Video*, o que vai ao encontro de achados de outros estudos que abordaram o lazer na pandemia, tendo prevalência o interesse virtual (MONTENEGRO; QUEIROZ; DIAS, 2020; RIBEIRO *et al.*, 2020; PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021; CONCEIÇÃO, 2021).

Por fim espera-se que outros enfoques de pesquisas que tematizem o lazer e o gênero ganhem maior notoriedade. Ressaltando a necessidade da atenção e contextualização dessa temática também em perspectiva interseccional, o que pode proporcionar uma aproximação com a realidade social das variadas pessoas e suas subjetividades.

Dessa forma, pode-se fundamentar e estimular a criação e de políticas públicas de lazer que articulem em seu desenvolvimento a quebra das diferentes hierarquias e desigualdades que se inter-relacionam no lazer e o gênero na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de *et al.* A relação entre gênero e adesão à atividade física no lazer. **Conexões**, v. 10, n. 1, p. 94-102, 18 maio 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637691>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BARBOSA, Carla; LIECHTY, Toni; PEDERCINI, Raquel. Restrições ao Lazer Feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 2, 20 jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/653>. Acesso em: 03 dez. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo Clássica**. Lisboa: 70 ed., 2006.

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p.1-46, jul. 2014. Semestral. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. atualizada até 03.01.2005. 10. ed. atualizada com a Emenda Constitucional 4. São Paulo: Revista dos Tribunais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 dez. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

CLEMENTE, Ana Cristina Fernandes; STOPPA, Edmur Antonio. Lazer Doméstico em Tempos de Pandemia da Covid-19. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 460–484, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25524>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CONCEIÇÃO, Vagner Miranda da. Impactos da Pandemia de Covid-19 no Lazer e no Trabalho do Professor Universitário em Home Office. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 3, p. 490–526, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36337>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

DELPHY, Christine. Gênero, raça, sexualidade – debates contemporâneos. *In*: BAPTISTA, Maria Manuel (org.) **Gênero e performance: textos essenciais I**. Coimbra: Gracio Editor, 2018. p. 197-214.

DIAS, Alfrancio Ferreira; BRAZÃO, José Paulo Gomes. Iniciativas de promoção das discussões de gênero e diversidade sexual no contexto acadêmico: um estudo comparativo. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 476-493, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9502>. Acesso em: 26 nov. 2023.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Stuart Hall e feminismo. **MATRIZES**, v. 10, n. 3, p. 61-76, 23 dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122541>. Acesso em: 01 dez. 2023.

FILIPPIS, André De; MARCELLINO, Nelson Carvalho. Formação profissional em lazer, nos cursos de Educação Física, no Estado de São Paulo. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n.3, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 13, n. 2, 20 jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/815>. Acesso em: 01 dez. 2023.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 01 dez. 2023.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Gênero: um debate que não quer calar. *In*: KNIJNIK, Jorge Dorfman (org.) **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 25-65.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. Educação, lazer e relações de gênero: talhes e doxas. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 19, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/956/4329>. Acesso em: 08 nov. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Possíveis relações entre educação física e lazer. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, v. 16, n.1, p. 2-12, jan/jul 2012.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SILVA, Marcília de Sousa; LOPES, Carolina Gontijo. Perspectivas sobre o Lazer das Mulheres com a Pandemia do Novo Coronavírus: reflexões a partir dos dados da pesquisa “O Lazer no Brasil - Representações e Concretizações das Vivências Cotidianas”. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 163–189, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25363>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MEIRA, Júlio Cesar. Estudos de gênero e historicidade: sobre a construção cultural das diferenças. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG, v. 27, n. 2 - Jul/Dez 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/29900>. Acesso em: 09 nov. 2023.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, São Paulo: Manole, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann; SILVA, André Luiz dos Santos. Gênero, Cultura e Lazer: Potências e Desafios dessa Articulação. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 2, p. 488-510, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24092>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MONTENEGRO, G. M.; QUEIROZ, B. da S.; DIAS, M. C. Lazer em Tempos de Distanciamento Social: Impactos da Pandemia de Covid-19 nas Atividades de Lazer de Universitários na Cidade de Macapá (AP). **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 1–26, 2020. DOI: Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24785>. Acesso em: 30 nov. 2023.

PESSOA, Amanda Raquel Rodrigues; MOURA, Marla Maria Moraes; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. A Composição do Tempo Social de Mulheres Professoras Durante a Pandemia. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 161–194, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29532>. Acesso em: 17 nov. 2023.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira *et al.* Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 391–428, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. O Processo Educativo de Lazer: Vivências de um Grupo de Mulheres. *In*: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da (Org). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Brasília: Universa, 2011, p. 27-44.

SANTOS, Flávia da Cruz. Procurando o lazer na constituinte: sua inclusão como direito social na constituição de 1988. **Movimento**, Porto Alegre, p. 1305-1327, jul. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/43785/32481>. Acesso em: 10 out. 2023.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1468/1029>. Acesso em: 03 out. 2023.

SILVESTRE, Bruno Modesto; AMARAL, Silvia Cristina Franco. O Lazer dos Professores da Rede Estadual Paulista: Uma Investigação Comparativa Entre os Gêneros. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 20, n. 1, p. 60-87, 28 mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1587>. Acesso em: 19 nov. 2023.

TEJERA, Daniel Bidia Olmedo.; SOUSA, Ioranny Raquel Castro de; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. As Relações de Gênero na Opção de Lazer de Pessoas Atuantes em Cooperativas de Trabalho. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 4, 20 dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/668>. Acesso em: 02 dez. 2023.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. *In: Dicionário crítico de gênero*. 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (WHO). **COVID-19**. Disponível em: <https://www.who.int/covid-19>. Acesso em: 30 set. 2022.

Endereço das Autoras:

Fernanda Santos de Abreu
Endereço eletrônico: fernandaabreuedfisica@gmail.com

Elisângela Chaves
Endereço eletrônico: elischaves@ufmg.br